

Proudhon, Marx e a Comuna de Paris

Iain McKay

18 de março de 2010

Esta atualização de **A Propriedade é um Roubo!** é focada em duas questões-chave, Proudhon e Marx, bem como a influência de Proudhon na Comuna de Paris (o que explica por que foi atualizada em 18 de março!). Os dois estão inter-relacionados, simplesmente porque muitas posições "marxistas" importantes são encontradas pela primeira vez na obra de Proudhon ou datam da revolta de 1871 e, ironicamente, simplesmente repetem as ideias levantadas pelos comunardos que, por sua vez, as encontraram em Proudhon...

A atualização envolve o apêndice de textos da Comuna, bem como a carta de Proudhon de 1846 a Marx e trechos de **Sistema de Contradições Econômicas** (volume 1 e volume 2, alguns dos quais foram traduzidos pela primeira vez). Este trabalho, como a maioria das pessoas saberá, produziu **A Miséria da Filosofia** de Marx em resposta e, infelizmente, muitos radicais só conhecerão Proudhon daquele trabalho de machado. O apêndice da introdução sobre "Proudhon e Marx" também está postado. O trabalho de Marx de 1847 é discutido aqui, junto com pontos gerais sobre a influência de Proudhon sobre Marx (a influência de Marx sobre Proudhon é mais difícil de encontrar, provavelmente porque não há nenhuma — alegações de Engels e Marx de outra forma não obstante).

Os extratos do volume 1 são da tradução de Benjamin Tucker de 1888 (que está disponível on-line). Corrigi parte da tradução, principalmente em relação a Tucker traduzindo "*salariado*" como "salários" em vez de trabalho assalariado ou trabalhadores assalariados. O glossário tem mais informações, mas as mudanças são essenciais tanto para a precisão da tradução quanto para refletir a consciência de Proudhon e a oposição ao trabalho assalariado (algo que os leitores de Marx podem não estar cientes). Qualquer mudança, no entanto, tem uma nota de rodapé indicando o que era originalmente. Também tomei a liberdade de adicionar notas aos extratos de **Sistema de Contradições Econômicas (Sistema)** com citações relevantes de **Miséria da Filosofia** para comparar o que Proudhon realmente escreveu com o que Marx alegou que ele fez. O contraste é esclarecedor.

Basta dizer que, embora a obra de Marx contenha alguns pontos válidos contra Proudhon, ela é prejudicada pelas distorções, citações seletivas e (às vezes) invenções que ele impõe a seus leitores. Grande parte da sabedoria aceita sobre Proudhon flui desse trabalho de escotilha, mais obviamente a ideia de que ele queria retornar à produção em pequena escala. Não importa que Proudhon rejeite explicitamente tal visão naquela obra, isso não impediu Marx de sugerir que ele o fez! Então há aquela velha perene de que Proudhon ignorou as "*relações de produção*" e, portanto, falhou em reconhecer a natureza única da propriedade moderna (ou seja, sua base no trabalho assalariado e no capital).

Esta é uma acusação difícil de levar a sério se você realmente *ler* os dois volumes de Proudhon – mas como poucos marxistas (ou anarquistas, para ser honesto) fariam isso, as falsas alegações de Marx são repetidas (como discutiremos abaixo). É justo dizer que o **Sistema** é frequentemente desfocado e sai pela tangente do tópico principal (o capítulo sobre "*Propriedade*" começa com uma longa discussão sobre como interpretamos o mundo e também discute os benefícios do casamento!). No entanto, há visões importantes e significativas nele, então, embora não seja de forma alguma o melhor trabalho de Proudhon, o **Sistema** contém material importante que extraímos para a antologia e que esboçamos aqui.

Em suma, nem ele nem seu autor merecem o abuso (geralmente ignorante) acumulado sobre eles. Particularmente, como tento delinear, ele contém muitos conceitos libertários-chave – alguns dos quais Marx mais tarde se apropriou por atacado! O mesmo pode ser dito das obras de Proudhon consideradas como um todo – particularmente quando Marx descarta Proudhon enquanto elogia a Comuna de Paris que implementou tantas de suas ideias!

A influência póstuma de Proudhon na comuna é discutida na introdução – assim como no meu artigo "A Comuna de Paris, Marxismo e Anarquismo" (**Anarcho-Syndicalist Review**, n.º 50). Uma introdução à comuna pode ser encontrada na seção A.5.1 de An Anarchist FAQ. O mais óbvio é o quão ignorantes a maioria dos marxistas são sobre isso. Eles parecem pensar que os comunardos desenvolveram espontaneamente essas ideias sem nenhuma influência das ideias e da história dos movimentos sociais radicais dos quais faziam parte! Por exemplo, Tony Cliff (**Trotskyism after Trotsky**, Bookmarks, 1999) afirma o seguinte:

"Outro ponto de virada foi a Comuna de Paris em 1871, que inspirou Marx a escrever em A Guerra Civil na França, 'A classe trabalhadora não pode usar a velha máquina esta-

*tal para construir o socialismo.’ Ele argumentou que a classe trabalhadora deve destruir a máquina estatal capitalista e construir um novo estado sem uma força policial, um exército permanente ou uma burocracia, um estado no qual todos os funcionários devem ser eleitos, imediatamente revogáveis e devem receber os mesmos salários que os trabalhadores que representam. O **Manifesto Comunista** não mencionou nada disso. Agora Marx reconheceu as características centrais de um estado operário. Ele não chegou a essas conclusões estudando muito no Museu Britânico. Sua compreensão fluiu das ações dos trabalhadores parisienses que tomaram o poder por 74 dias e mostraram que tipo de estado a classe trabalhadora poderia estabelecer.” (p. 7)*

Muito verdade, o **Manifesto Comunista** não mencionou isso (em vez disso, apresentou uma visão de mudança social enraizada na tomada do estado por meio do sufrágio universal: “*vencer a batalha pela democracia*”). No entanto, **Proudhon** levantou muito da visão do Communard... em 1848! Ele levantou o princípio de revogar pessoas eleitas (e mandar, outro princípio Communard que Cliff esquece de mencionar) no segundo panfleto que ele escreveu após a revolução de fevereiro (datado de 26 de março e intitulado “**Democracia**” – isso foi recentemente traduzido para **A Propriedade é um Roubo!**, mas trechos de uma tradução anterior estão on-line). Ele reiterou isso em seu segundo Manifesto eleitoral mais tarde naquele ano:

“Cabe à Assembleia Nacional, por meio da organização de seus comitês, exercer o poder executivo, da mesma forma que exerce o poder legislativo... Além do sufrágio universal e como consequência do sufrágio universal, queremos a implementação do mandato vinculativo. Os políticos se recusam a isso! O que significa que, aos seus olhos, o povo, ao eleger representantes, não nomeia mandatários, mas sim abjura sua soberania! Isso certamente não é socialismo: nem mesmo é democracia.” (No Gods, No Masters , pp. 78–9)

E, como pode ser visto, para uma boa medida, acrescenta a fusão das funções executiva e legislativa em um corpo – outra posição comunarda que Cliff deixa de mencionar (e que Marx elogiou). Então, em 1871, Marx, finalmente, alcançou Proudhon – graças às ações de seus seguidores em Paris! Parece irônico que a pessoa que Marx descartou como um “*pequeno-burguês*” (ou apenas um socialista “*burguês*”) defendeu “*as características centrais de um estado operário*” 23 anos antes de Marx...

E, preciso enfatizar, Proudhon dificilmente estava trabalhando em um vácuo social e estava, sem dúvida, refletindo, desenvolvendo e formulando o que estava sendo discutido em círculos radicais da classe trabalhadora. No entanto, a aplicação óbvia das ideias de Proudhon dificilmente passou despercebida aos libertários da época: “*Federalismo, no sentido dado a ele pela Comuna de Paris, e que lhe foi dado muitos anos atrás pelo grande socialista Proudhon, que primeiro esboçou cientificamente a teoria, — o federalismo é acima de tudo a negação da nação e do Estado.*” (James Guillaume, **Federalism**). Nem, presumivelmente, em Marx...

Então, ao relatar a Comuna (e muito da **Guerra Civil de Marx na França** é simplesmente declarar o que aconteceu), Marx apresentou ideias que libertários como Proudhon e Bakunin vinham discutindo há alguns anos. Delegados mandatários, revogação instantânea, federalismo, substituição do trabalho assalariado pela produção associativa, tudo isso foi defendido por Proudhon muito antes de seus seguidores ajudarem a introduzi-los em 1871 (e é um tanto divertido comparar o elogio de Marx à Comuna com sua rejeição aos internacionalistas franceses cinco anos antes — como fazemos!).

No entanto, uma diferença fundamental é que Proudhon se recusou a descrever essa organização social radicalmente diferente como um “estado”. Ele explicou seu raciocínio em sua polêmica com Louis Blanc e Pierre Leroux (veja também a carta de Proudhon a Leroux e um artigo posterior na mesma discussão). De certa forma, implicitamente Cliff reconhece esse fato óbvio ao falar sobre “*um novo estado*” e “*um estado dos trabalhadores*”. O que levanta a questão, se é **tão** diferente, uma inversão do que sempre conhecemos como um “estado”, então por que chamá-lo de estado? Simplesmente porque o “novo” estado será uma estrutura centralizada na qual o poder será delegado às mãos de um governo (composto por pessoas como Cliff, assim eles esperam). Em suma, ele retém algumas das características (negativas) do “antigo” estado – características que evoluíram para marginalizar os muitos e empoderar os poucos governantes. Não é de surpreender que o chamado “estado operário” dos bolcheviques rapidamente se

tornou tão hierárquico e repressivo quanto os “antigos” e, quase tão rapidamente, os chefes do partido passaram a ver isso como algo nada ruim...

Esta não é a primeira vez que encontramos Proudhon proclamando o chamado princípio “marxista” antes de Marx. Como observamos na introdução, Proudhon expôs a teoria (“marxista”) da mais-valia em 1840, muito antes de Marx. Engels resumiu a teoria de Marx, afirmando que o “valor da força de trabalho e o valor que essa força de trabalho cria no processo de trabalho são duas magnitudes diferentes” e, portanto, se “o trabalhador **custa** ao dono do dinheiro a cada dia o valor do produto de seis horas de trabalho” e trabalha doze, ele “**entrega**” ao capitalista “a cada dia o valor do produto de doze horas de trabalho”. A diferença em favor do dono é “trabalho excedente não pago, um produto excedente”. Ele jorra que a “solução desse problema foi a conquista mais marcante da obra de Marx. Ela espalhou a luz clara do dia por domínios econômicos nos quais os socialistas, não menos que os economistas burgueses, tateavam anteriormente na escuridão total. O socialismo científico data da descoberta desta solução e foi construído em torno dela.” (Marx Engels Collected Works , vol. 25, pp. 189–90)

Compare isso com Proudhon:

“Quem trabalha torna-se proprietário... E quando digo proprietário, não quero dizer simplesmente (como dizem os nossos economistas hipócritas) proprietário da sua mesada, do seu salário, dos seus vencimentos, – quero dizer proprietário do valor que cria, e pelo qual só o patrão lucra... O trabalhador retém, mesmo depois de ter recebido o seu salário, um direito natural sobre a coisa que produziu.” (O que é propriedade? , pp. 123–4)

Propriedade significava “outro executará o trabalho enquanto [o proprietário] recebe o produto”. Então o “trabalhador livre produz dez; para mim, pensa o proprietário, ele produzirá doze” e então para “satisfazer a propriedade, o trabalhador deve primeiro produzir além de suas necessidades”. (p. 98, pp. 184–5) Essa foi parte da razão pela qual “**propriedade é roubo**”! Proudhon também proclamou a necessidade de um “socialismo científico” em **O que é propriedade?**, então Engels estava certo em certo sentido...

Marx faz grande brincadeira com a suposta falta de consciência de Proudhon sobre “as relações de produção” e como elas mudam em **A Miséria da Filosofia**. Ele murmurou sobre como Proudhon “toma emprestado dos economistas a necessidade de relações eternas” enquanto ignora tais comentários do **Sistema** (volume 1) como o “erro de Malthus, o vício radical da economia política, consiste, em termos gerais, em afirmar como um estado definitivo uma condição transitória, – a saber, a divisão da sociedade em patricios e proletários.”

As afirmações de Marx sobre Proudhon são repetidas por seus seguidores. Um pequeno desvio para a “teoria” de Cliff sobre a Rússia stalinista como “capitalista de estado” é necessário para mostrar isso (e como a repetição dessa afirmação nega a necessidade de realmente pensar sobre as relações de produção). Primeiro, deve-se notar que os anarquistas (e outros socialistas) vinham chamando o regime soviético de “capitalista de estado” há algum tempo, sob Lenin, na verdade – depois de prever que o socialismo de estado seria apenas capitalismo com o estado substituindo o chefe. Cliff veio a chamá-lo assim quase três décadas depois (“A Rússia foi definida como capitalista de estado pelo presente autor ... em 1948” (p. 24)) Infelizmente, o atraso não produziu uma análise melhor...

A razão pela qual não é uma análise melhor é exposta, ironicamente, pela regurgitação de Cliff do ataque de Marx a Proudhon. Cliff afirma que “Marx ridicularizou a tentativa de Proudhon de definir a propriedade privada independentemente das relações de produção” (p. 30) e “Proudhon ... abstraiu a forma da propriedade das relações de produção” (p. 32) e cita Marx de “**A Miséria da Filosofia**” :

“Em cada época histórica, a propriedade se desenvolveu de forma diferente e sob um conjunto de relações sociais inteiramente diferentes. Assim, definir a propriedade burguesa é nada menos do que dar uma exposição de todas as relações sociais da produção burguesa. Tentar dar uma definição de propriedade como se fosse uma relação independente, uma categoria à parte – uma ideia abstrata eterna – pode não ser nada além de uma ilusão de metafísica ou jurisprudência.” (p. 30)

Marx, desnecessário dizer, faz (ocasionalmente) a mesma coisa pela qual ele ataca Proudhon – ou seja, sugerir que as várias formas de “propriedade” têm algo em comum e, portanto, justificam o termo “propriedade”. Olhando para o **Manifesto Comunista**, por exemplo, Marx e Engels argumentam que a “*característica distintiva do comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa*”. No entanto, mesmo usar o termo “*propriedade em geral*” mostra a fraqueza do ataque de Marx a Proudhon. Sim, a propriedade muda com o tempo e formas específicas de propriedade têm relações sociais específicas associadas a elas, mas, certamente, é possível generalizá-las em uma categoria chamada “propriedade”? Houve muitos estados e deuses, por exemplo, mas sugerir que usar o termo geral “estado” ou “deus” para agrupá-los com base no que eles têm em comum é uma metafísica sem sentido é, à primeira vista, uma sugestão bizarra.

E se, como Cliff sugere, Marx zomba de Proudhon por definir “propriedade” sem olhar para suas relações sociais (o que é falso), então por que sequer mencionar “*propriedade em geral*”? Particularmente quando Marx e Engels então concluem: “*Nesse sentido, a teoria dos comunistas pode ser resumida em uma única frase: Abolição da propriedade privada.*” Ah, certo. Proudhon é atacado por não distinguir formas de propriedade, mas Marx se sente feliz em resumir sua ideologia como a abolição da “*propriedade privada*”! É preciso ressaltar que foi essa frase, não as várias reflexões históricas que a precederam, que foi citada ao discutir o objetivo do marxismo?

Não que Marx tenha seguido seu próprio conselho, é claro. Ele frequentemente usava o termo “propriedade” de maneiras muito gerais. Por exemplo, Marx soava muito como Proudhon quando afirmou que “A propriedade privada do globo terrestre nas mãos de indivíduos isolados parecerá tão absurda quanto a propriedade privada de um ser humano sobre outro ser humano. Mesmo uma sociedade inteira, uma nação, ou, mais ainda, todas as sociedades contemporâneas reunidas não são proprietárias da Terra. São apenas possuidoras, usufrutuárias dela.” (**O Capital**, vol. 3, p. 911) Claramente, Marx havia se esquecido de falar de “*propriedade privada*” na terra sem discutir precisamente as diferentes relações sociais em cada período histórico que não passavam de “*uma ilusão da metafísica*”!

Ignorando as dificuldades em denunciar alguém por usar a prática comum de generalizar especificidades em universais (mesmo que seja apenas para evitar ter que adicionar continuamente palavras como “*burguês*” ou “*privado burguês moderno*” antes de “*propriedade*”!), o fato é que Proudhon reconheceu que a sociedade capitalista tinha relações sociais específicas e novas. Como fica claro na discussão de Proudhon sobre “propriedade” em **Sistema** (ou, nesse caso, em **O Que é a Propriedade?**), ele estava bem ciente de que o sistema atual era baseado em trabalho assalariado. Para citar o Volume 2:

“Assim, a propriedade, que deveria nos tornar livres, nos torna prisioneiros. O que estou dizendo? Ela nos degrada, ao nos tornar servos e tiranos uns dos outros.”

“Você sabe o que é ser um trabalhador assalariado? Trabalhar sob um mestre, vigilante [jaloux] de seus preconceitos ainda mais do que de suas ordens; cuja dignidade consiste acima de tudo em exigir, sic volo, sic jubeo [Assim eu desejo. Assim eu ordeno], e nunca explicar; muitas vezes você tem uma opinião baixa dele, e zomba dele! Não ter nenhum pensamento próprio, estudar sem cessar o pensamento dos outros, não conhecer nenhum estímulo exceto seu pão de cada dia, e o medo de perder seu emprego!”

“O trabalhador assalariado é um homem a quem o proprietário que contrata seus serviços faz este discurso: O que você tem que fazer não lhe diz respeito de forma alguma: você não controla isso, você não responde por isso. Toda observação é proibida para você; não há lucro para você esperar, exceto do seu salário, nenhum risco a correr, nenhuma culpa a temer.”

Assim, a sociedade moderna foi marcada pela “*divisão egoísta e prejudicial, capital e trabalho assalariado*”. Ou os comentários no volume 1 do **Sistema** de que o “*período pelo qual estamos passando agora ... é distinguido por uma característica especial: TRABALHO ASSALARIADO*” (*le salariat*) e que as relações de lucros com salários refletem “*a guerra entre trabalho e capital*”! Então, se, como o **Manifesto Comunista** proclamou, “A propriedade, na sua figura hodierna, move-se na oposição de capital e trabalho assalariado.”, então ele estava simplesmente repetindo a análise de Proudhon! Da mesma forma, aquele documento afirmava que “*o comunismo não priva nenhum homem do poder de*

se apropriar dos produtos da sociedade; tudo o que ele faz é privá-lo do poder de subjugar o trabalho dos outros por meio dessa apropriação”. O que é simplesmente ecoar a análise de Proudhon de que o “proprietário é um homem que, tendo controle absoluto de um instrumento de produção, reivindica o direito de desfrutar do produto do instrumento sem usá-lo ele mesmo” e a quem o trabalhador “vendeu e renunciou à sua liberdade”. Em uma sociedade livre, “todo o capital acumulado é propriedade social, ninguém pode ser seu proprietário exclusivo”. (**O que é propriedade?** , p. 293, p. 130)

Talvez o único ponto real de Marx seja que Proudhon usou a palavra “propriedade” em vez de, digamos, “capital” ou “propriedade privada burguesa moderna” ? No entanto, Marx também faz isso, às vezes. Marx afirma que o comunismo visa “a abolição da propriedade burguesa” (**Manifesto Comunista**), enquanto para Proudhon é a abolição da “propriedade”. Isso realmente justifica o desprezo que Marx inflige a Proudhon? Ou, pior, que Marx é um papagaio irracionalmente repetido por seus seguidores para sugerir que Proudhon ignorou “as relações de produção” quando, quando você o lê, ele obviamente não o fez? Na pior das hipóteses, Proudhon pode ser criticado por igualar a propriedade à forma dominante de propriedade ao seu redor, a propriedade burguesa, e, como resultado, por não mencionar aquelas formas de propriedade que não existiam mais!

No entanto, para retornar a Cliff. Sua discussão sobre sua “teoria” do capitalismo de estado faz, apesar de toda sua genuflexão a Marx e zombaria de Proudhon, **precisamente** o que Marx (falsamente) acusou Proudhon de fazer. Cliff falha em discutir as relações de produção na Rússia Soviética! Ele começa assim:

“A análise de Marx sobre o capitalismo envolve uma teoria das relações entre os exploradores e os explorados, e entre os próprios exploradores. As duas principais características do modo de produção capitalista são a separação dos trabalhadores dos meios de produção e a transformação da força de trabalho em uma mercadoria que os trabalhadores devem ter para viver, e o reinvestimento da mais-valia – a acumulação de capital – que é forçada aos capitalistas individuais por sua luta competitiva entre si. Ambas as características caracterizaram a União Soviética durante o primeiro Plano Quinquenal (1928–32).” (p. 34)

No entanto, os trabalhadores não controlavam seus locais de trabalho em 1927 e não o faziam desde que Lenin começou a impor a gestão de um homem só em 1918! Em suma, as relações reais de produção permaneceram **inalteradas** em 1928 – os trabalhadores tinham que vender seu trabalho aos gerentes dos locais de trabalho estatais. Como tal, a descrição de Cliff da Rússia stalinista também era aplicável à Rússia leninista, a saber, que “os trabalhadores eram separados dos meios de produção, não tinham voz na gestão da economia e do estado, e eram subordinados à mais monstruosa máquina estatal burocrática e militarista” (p. 27) Talvez a burocracia stalinista fosse mais implacável, privilegiada e corrupta do que a leninista (que ficava feliz em reprimir greves), mas isso não muda as relações de produção.

Cliff reconheceu implicitamente a natureza imutável das relações de produção quando afirma que “a industrialização e a revolução técnica na agricultura (‘colectivização’) num país atrasado sob condições de cerco transformaram a burocracia, de uma camada sob pressão e controlo directo e indirecto do proletariado, numa classe dominante.” (p. 36)

A primeira noção é fácil de refutar, a da URSS estar “sob condição de cerco” e, portanto, quando vista dentro da economia internacional, há “acumulação de capital” e, portanto, era capitalista de estado. Talvez desnecessário dizer que o regime sempre fez parte da economia internacional e em competição econômica e militar com nações capitalistas (e, literalmente, “sob condição de cerco” por algum tempo). Isso não mudou em 1928. Por que tal pressão não tornou o regime de gestão de um homem só de Lenin um capitalista de estado? Porque Lenin e Trotsky estavam no comando, em vez de Stalin? Certamente não!?!?!?

Ignorando tais questões históricas óbvias, as alegações de Cliff dificilmente são marxistas (se tomarmos por marxista o que Marx e Engels realmente escreveram em vez do que os marxistas gostariam que eles escrevessem). Engels enfatizou que o “objeto da produção – produzir mercadorias – **não importa para o instrumento o caráter do capital**” como a “produção de mercadorias é uma das pré-condições para a existência do capital ... enquanto o produtor vende apenas **o que ele mesmo** produz, ele não é um capitalista; ele se torna um somente a partir do momento em que faz uso de seu instrumento **para explorar o trabalho assalariado de outros** .” (**Marx-Engels Collected Works** , Vol. 47, pp.

179–80) Ele estava repetindo Marx, que argumentava que a “competição” como tal não definia o capitalismo e, portanto, o “*caráter do processo de produção do qual [os bens] derivam é imaterial*” e, portanto, as mercadorias de mercado vêm “*de todos os modos de produção*” (por exemplo, elas poderiam ser “*o produto da produção baseada na escravidão, o produto dos camponeses..., de uma comunidade..., da produção estatal (como existia em épocas anteriores da história russa, baseada na servidão) ou de povos caçadores meio selvagens*”). (**O Capital**, vol. 2, pp. 189–90) Isso significa que o comércio “*explora um determinado modo de produção, mas não o cria*” e, portanto, se relaciona “*com o modo de produção de fora*”. (**O Capital**, vol. 3, p. 745)

Para dar um exemplo óbvio, a Guerra Civil Americana converteu a economia escravista do Sul em uma capitalista para Cliff? Provavelmente não, assim como a Guerra Civil Russa não converteu, para Cliff, a economia de gestão de um homem só de Lenin em capitalismo de estado. Para Marx, em contraste, o capitalismo era um modo de produção. Ele estava enraizado no trabalho assalariado (“*relações de produção*”). Livre-se do trabalho assalariado e, para Marx, a economia **não** era capitalista: “*Vamos supor que os trabalhadores estejam eles próprios na posse de seus respectivos meios de produção e troquem suas mercadorias uns com os outros. Essas mercadorias não seriam produtos do capital.*” (**O Capital**, vol. 3, p. 276) Então sugerir, como Cliff faz, que o stalinismo era capitalista de estado porque a América e a Europa eram capitalistas faz tanto sentido quanto afirmar que a Ford é capitalista porque a GM e a Toyota são capitalistas...

(A questão das pressões competitivas dentro das economias de mercado e suas consequências negativas é, claro, importante, mas, estritamente falando, irrelevante para determinar o modo de produção. É relevante, no entanto, para decidir se você deseja comunismo ou mutualismo – mas essa é outra questão).

Então há a noção de “*pressão e controle direto e indireto*”. Que pressão e controle “diretos” os trabalhadores tinham? Era uma ditadura partidária e os gerentes eram nomeados pelo estado – e isso já acontecia há quase uma década. Quanto à pressão “indireta”, presumivelmente seria o mesmo meio pelo qual os trabalhadores capitalistas têm – greves e outras formas de ação direta contra seus chefes. Então, 1928 não marcou nenhuma mudança significativa nas reais “relações de produção”, como fica claro no próprio relato do processo de Cliff (e de seus seguidores).

É fácil entender por que Cliff ignorou as **reais** “relações de produção” na Rússia bolchevique enquanto as invocava retoricamente: se ele as olhasse, concluiria que a Rússia tinha sido capitalista de estado sob seus ídolos Lenin e Trotsky. Como os anarquistas há muito argumentavam, substituir o chefe privado pelo estado não era uma transformação real. Como Proudhon sugeriu no volume 1 do **Sistema** com relação ao socialista jacobino Louis Blanc:

“M. Blanc tocou no problema do valor, que envolve em si mesmo todos os outros? Ele nem mesmo suspeita de sua existência. Ele deu uma teoria da distribuição? Não. Ele resolveu a antinomia da divisão do trabalho, causa perpétua da ignorância, imoralidade e pobreza do trabalhador? Não. Ele fez com que a contradição entre maquinário e trabalho assalariado desaparecesse, e reconciliou os direitos de associação com os de liberdade? Pelo contrário, M. Blanc consagra essa contradição.”

Então o socialismo de estado “*consagra*” o trabalho assalariado, só que agora ao estado. Daí a necessidade de uma terceira alternativa baseada no trabalho associado, novamente do volume 1 do **Sistema** :

“Ou a competição, – isto é, o monopólio e o que se segue; ou a exploração pelo Estado, – isto é, a escassez de mão de obra e o empobrecimento contínuo; ou então, em suma, uma solução baseada na igualdade, – em outras palavras, a organização do trabalho, que envolve a negação da economia política e o fim da propriedade.”

A experiência da Rússia leninista confirma a de Proudhon em termos de relações sociais econômicas. Sem surpresa, ela também apoia seus argumentos de que o socialismo de estado seria repressivo e seu objetivo de um estado “servo” em vez de um estado “mestre” (para usar a expressão de Blanc) era utópico. Para citar Proudhon:

*“Que entre trabalho e liberdade, como capital e governo, há um parentesco e identificação: de modo que em vez de quatro partidos como tínhamos na terra, mas recentemente, colocando-nos por sua vez no ponto de vista econômico e no ponto de vista político, há realmente apenas dois: o partido do trabalho ou liberdade e o partido do capital ou governo. E essas duas proposições – **abolição da exploração do homem sobre seu semelhante e abolição do governo do homem sobre seu semelhante** – equivalem a uma e a mesma proposição; que finalmente a IDEIA revolucionária, apesar do dualismo em sua fórmula, é una e indivisível, como é a própria República: sufrágio universal implicando negação da preponderância do capital e igualdade de riqueza, assim como igualdade de riqueza e a abolição do juro estão implícitas na negação do governo.”*

Em última análise, assim como as relações tipicamente capitalistas na produção, o regime leninista também tinha uma estrutura típica de estado. A mudança de regimes czaristas para leninistas e para stalinistas não transformou muito além de quem estava dando as ordens. Para citar as palavras de Cliff de volta a ele: *“a forma de governo mudou em maior ou menor grau, mas o tipo de estado permaneceu o mesmo – ‘corpos especiais de homens armados, prisões, etc.’, independente do povo e servindo à classe capitalista.”* (p. 30) Passar de capitalista privado para capitalista de estado não foi uma grande mudança, como Proudhon constantemente reiterou.

Há um estranho paradoxo no relato de Cliff. Ele se esforça para enfatizar que a propriedade burguesa de “riqueza” (propriedade!) garante que eles sejam a classe dominante. Assim, *“a burguesia ... tem propriedade direta sobre a riqueza; portanto, qualquer que seja a forma de governo, desde que a burguesia não seja expropriada, ela não deixa de ser a classe dominante. Um capitalista pode possuir sua propriedade em uma monarquia feudal, em uma república burguesa, em uma ditadura fascista, sob o governo militar, sob Robespierre, Hitler, Churchill ou Attlee.”* (p. 25) No entanto, Cliff também argumentou que o proletariado era a classe dominante na Comuna de Paris, mas *“não estatizou os meios de produção de forma alguma”* (enquanto os bolcheviques *“não o fizeram por algum tempo.”*) (p. 29) O que significa, certamente, que a burguesia permaneceu como a classe dominante na Comuna e sob os bolcheviques (por algum tempo)?

Então temos um paradoxo, aparentemente a classe capitalista pode possuir sua propriedade enquanto a classe trabalhadora é “a classe dominante” (e, sim, Cliff usou a palavra “propriedade” sem qualificação, pelo que ele zombou de Proudhon!). No entanto, é apenas um paradoxo se eles querem que Marx diga o que você quer que ele diga em vez do que ele realmente disse (como eu discuti, a análise “marxista” do estado apresentada por Lenin não era nada disso). Marx estava bem ciente de que a burguesia tinha que controlar o poder político para ser a classe dominante. Foi por isso que ele pediu a “ação política” das classes trabalhadoras para garantir sua “supremacia política” a fim de transformar a sociedade.

Ao discutir a Comuna de Paris, Marx observou que era *“a forma política finalmente descoberta [pelo menos por Marx!] sob a qual se elabora a emancipação econômica do trabalho”*, e como o *“governo político do produtor não pode coexistir com a perpetuação de sua escravidão social”*, a Comuna deveria *“servir como uma alavanca para desenraizar as fundações econômicas sobre as quais repousa a existência de classes”*. Engels argumentou que o *“proletariado toma o poder público e, por meio disso, transforma os ... meios de produção ... em propriedade pública”*. No **Manifesto Comunista**, eles argumentaram que *“o primeiro passo na revolução da classe trabalhadora”* é *“elevar o proletariado à posição de classe dominante, para vencer a batalha da democracia”*. O proletariado *“usará sua supremacia política para arrancar, gradualmente, todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante”*. (**Marx e Engels Reader**, p. 635, p. 717 e p. 490)

Então, claramente, a classe trabalhadora se torna a classe dominante enquanto a burguesia ainda possui sua propriedade e a chave é o poder **político** ...

Isso é confirmado pela análise de Marx do golpe de Luís Bonaparte, que o viu declarar expressamente que a burguesia pode **deixar** de ser a classe dominante quando o regime político muda. A abolição da república em 1851, a substituição do governo, foi, para ele, o fim do governo político da burguesia, pois ele argumentou que *“a burguesia industrial aplaude com bravos servis o **golpe de estado** de 2 de dezembro, a aniquilação do parlamento, a queda de seu próprio governo, a ditadura de Bonaparte”*. Ele

repetiu essa identificação: “*Passagem do regime parlamentar e do governo burguês. Vitória de Bonaparte*”. (Selected Writings , pp. 164–5 e p. 166)

O governo político era equiparado a qual partido detinha o poder e, portanto, logicamente, o sufrágio universal era “o equivalente ao poder político para a classe trabalhadora ... onde o proletariado forma a grande maioria da população”. Seu “resultado inevitável seria ‘ a supremacia política da classe trabalhadora ’.” (Marx Engels Collected Works , vol. 11, pp. 335–6) Daí o comentário de Marx em **As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850** (Progress Publishers, 1979):

“As classes cuja escravidão social a constituição deve perpetuar – proletariado, campesinato, pequena burguesia – ela coloca na posse do poder político através do sufrágio universal. E da classe cujo antigo poder social ela sanciona, a burguesia, ela retira as garantias políticas desse poder. Ela força o governo político da burguesia em condições democráticas, que a todo momento ajudam as classes hostis à vitória e colocam em risco os próprios fundamentos da sociedade burguesa. Do primeiro grupo, ela exige que eles não avancem da emancipação política para a social; dos outros, que eles não retrocedam da restauração social para a política.” (p. 67)

Alguns marxistas podem se opor à conclusão óbvia tirada aqui (embora camaradas no SPGB e seus partidos irmãos não o fariam). Cliff, por exemplo, afirma que “conclusões marxistas básicas” são as seguintes: “os trabalhadores não podem tomar posse da máquina estatal burguesa, mas devem destruí-la e estabelecer um novo estado baseado na democracia proletária (soviets, etc.)” (p. 27). No entanto, tanto Marx quanto Engels negaram explicitamente a conclusão de que um “novo estado” tinha que ser criado. Ambos sugeriram repetidamente que a classe trabalhadora **poderia** tomar posse do estado burguês e (para usar a palavra de Engels) “reformá-lo”. Eles fizeram isso antes e depois da Comuna de Paris, que lhes mostrou (de acordo com Cliff) que “a classe trabalhadora deve destruir a máquina estatal capitalista e construir um novo estado”. (p. 7) A chave é entender que Marx traçou uma diferença entre o estado e a “máquina estatal”. Enquanto Lenin confundiu os dois, Marx e Engels não o fizeram. Assim, encontramos Engels explicando o que Marx quis dizer em **A Guerra Civil na França** com “A classe trabalhadora não pode tomar a velha máquina estatal para usá-la para construir o socialismo”:

“É simplesmente uma questão de mostrar que o proletariado vitorioso deve primeiro remodelar o antigo poder estatal burocrático, administrativo e centralizado antes de poder usá-lo para seus próprios propósitos: enquanto todos os republicanos burgueses desde 1848 invejavam contra essa máquina enquanto estavam na oposição, mas uma vez no governo eles a tomaram sem alterá-la e a usaram em parte contra a reação, mas ainda mais contra o proletariado.” (Collected Works , vol. 47, p. 74)

A explicação de Marx sobre o golpe de Bonaparte também se baseou nessa distinção. Daí o aparente paradoxo de Marx dizer que a máquina estatal precisava ser destruída e que o sufrágio universal poderia ser usado para criar o socialismo não é paradoxo algum, simplesmente uma confusão iniciada com Lenin entre duas coisas diferentes. Então Lenin não apenas deturpou ideias anarquistas em “**Estado e Revolução**”, mas também Marx e Engels.

Curiosamente, a revolução de 1848 na França confirmou Proudhon, não Marx. Durante toda a revolução, Proudhon se opôs à criação de uma Presidência na República como uma fonte de tirania e uma violação dos princípios democráticos. Ele também atacou repetidamente Louis Bonaparte como buscando a ditadura. Bem, adivinhe? Bonaparte usou sua posição como executivo para organizar um golpe e tomar o poder. Marx não viu isso acontecendo, com o **Manifesto Comunista** proclamando que o executivo do estado era apenas um comitê para administrar os assuntos conjuntos da burguesia. O golpe de Bonaparte explodiu essa alegação (Marx tentou espremer esse evento em sua teoria, com sucesso limitado).

Devo também observar que no volume 1 do **Sistema**, Proudhon argumentou que o Estado não poderia ser capturado e reformado, mas sim que a classe trabalhadora deveria organizar seu poder social e econômico:

*“Assim, o poder, o instrumento do poder coletivo, criado na sociedade para servir como mediador entre o trabalho e o privilégio, encontra-se inevitavelmente acorrentado ao capital e dirigido contra o proletariado. Nenhuma reforma política pode resolver essa contradição, uma vez que, pela confissão dos próprios políticos, tal reforma terminaria apenas em aumentar a energia e estender a esfera do poder, e uma vez que o poder não conheceria nenhuma maneira de tocar as prerrogativas do monopólio sem derrubar a hierarquia e dissolver a sociedade. O problema diante das classes trabalhadoras, então, consiste, não em capturar, mas em subjugar tanto o poder quanto o monopólio, — isto é, em gerar das entranhas do povo, das profundezas do trabalho, uma autoridade maior, um fato mais potente, que envolverá o capital e o Estado e os subjugará. Toda proposição de reforma que não satisfaça essa condição é simplesmente mais um flagelo, uma vara fazendo dever de sentinela, **virgem vigilante**, como disse um profeta, que ameaça o proletariado.”*

Em 1849, Proudhon cita essas linhas após narrar a reação contra a reforma social pelos políticos burgueses no Capítulo X de **“Confissões de um Revolucionário”**. Ele acrescenta que essas palavras *“são a profecia dos eventos que vimos acontecer em 1848 e 1849. Foi por querer teimosamente a revolução pelo poder e a reforma social pela reforma política que a revolução de fevereiro foi adiada, e a causa do proletariado e das nacionalidades foi perdida por toda a Europa”*. Marx, um ano depois, em 1850, ainda estava sugerindo que o sufrágio universal dava aos trabalhadores poder político que poderia ser usado para capturar o estado (que então teria que ser radicalmente remodelado, é claro). Caramba, ele (e Engels) ainda sugeriam que o sufrágio universal poderia ser usado para criar o socialismo **após** a Comuna de Paris para países como a Grã-Bretanha, EUA e Holanda!

Preciso salientar que a maioria dos marxistas hoje descartaria a noção de que o sufrágio universal seria utilizado dessa forma como um absurdo reformista? Que eles sugeririam que o estado não pode ser capturado e reformado? Em outras palavras, que eles tomam uma posição **“proudhonista”** como sugerido no muito ridicularizado **Sistema de Contradições Econômicas** em vez de uma **“marxista”**? Ou que se eles argumentam pela necessidade de conselhos de trabalhadores (soviets, etc.) eles seguem Bakunin, não Marx, que (por sua vez) seguiu o caminho que Proudhon sugeriu?

Significativamente, nos primeiros dias da revolução de 1848, Proudhon argumentou que *“um corpo representativo do proletariado..., um estado dentro do estado, em oposição aos representantes burgueses”*. Ele pediu que *“uma nova sociedade fosse fundada no coração da velha sociedade”* pela classe trabalhadora, pois *“o governo não pode fazer nada por vocês. Mas vocês podem fazer tudo por si mesmos”*. (*“Aux Pariotes”*, **La Représentant du Peuple**, n.º 33) Em **Confissões**, ele apontou os clubes democráticos diretos como outro exemplo dessa autogestão popular, de que os clubes *“tinham que ser organizados. A organização de sociedades populares era o fulcro da democracia, a pedra angular da ordem republicana”*. Essas eram *“a única instituição que as autoridades democráticas deveriam ter respeitado, e não apenas respeitado, mas também fomentado e organizado”*. (**No Gods, No Masters**, p. 63)

Então aqui temos um apelo por um poder dual dentro de um estado no início de 1848 e apoio aos clubes que Marx posteriormente ecoou em 1850 em um discurso à **Liga Comunista**. (**Marx-Engels Reader**, pp. 507–8) Hal Draper mostrou seu analfabetismo histórico habitual ao proclamar que esta *“passagem [de Marx] no Discurso de Março é o primeiro grande esboço de uma abordagem ao poder revolucionário em torno do que mais tarde veio a ser chamado de **conselhos de trabalhadores**.”* (**Karl Marx’s Theory of Revolution: The Dictatorship of the Proletariat** (Monthly Review Press, 1986), volume III, p. 346) Sim, o “primeiro grande esboço” se ignorarmos (mais uma vez!) o fato estranho de que Proudhon disse isso primeiro! Mas não podemos realmente esperar nada melhor de um idiota como Draper...

Marx não faz menção de como esses corpos deveriam ser organizados, mas falar de *“conselhos municipais”* sugere que conselhos baseados no local de trabalho eram estranhos para ele. Significativamente, *“[t]em breve, nas décadas de 1860 e 1870, os seguidores de Proudhon e Bakunin na Primeira Internacional estavam propondo a formação de conselhos de trabalhadores projetados tanto como uma arma de luta de classes contra os capitalistas quanto como a base estrutural da futura sociedade libertária.”* (Paul Avrich, **The Russian Anarchists** (AK Press, 2005), p. 73) Este seria um desenvolvimento óbvio da declaração de Proudhon no **Sistema** de que *“o problema da associação consiste em organizar ... os*

produtores, e por esta organização sujeitar o capital e subordinar o poder. Tal é a guerra que você tem que sustentar: uma guerra do trabalho contra o capital; uma guerra da liberdade contra a autoridade; uma guerra do produtor contra o não produtor; uma guerra da igualdade contra o privilégio” .

Então a ideia de Proudhon de organizar-se fora da política e do estado, de construir “uma autoridade maior” para o estado pelas classes trabalhadoras, foi aplicada pelos anarquistas coletivistas na IWMA (o que Bakunin mais tarde chamou de “poder social” ou “ poder não político ou antipolítico” das classes trabalhadoras), bem como pelos sindicalistas. Ecoando Proudhon (e Bakunin), o principal sindicalista Fernand Pelloutier argumentou que o objetivo era “constituir dentro do Estado burguês um verdadeiro Estado socialista (econômico e anárquico).” (citado por Jeremy Jennings, **Syndicalism in France: a study of ideas (Macmillan, 1990), p. 22**). O “estamos construindo um novo mundo na casca do velho” da IWW tem semelhanças óbvias com o chamado de Proudhon de 1848.

Que Proudhon estava na vanguarda na expressão das opiniões mais avançadas das classes trabalhadoras também pode ser encontrado em **As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850** , de Marx :

“As seções mais avançadas das duas classes [pequena burguesia e proletariado], no entanto, apresentaram seus próprios candidatos. Napoleão era o nome coletivo de todos os partidos em coalizão contra a república burguesa; Ledru-Rollin e Raspail eram os nomes próprios , o primeiro da pequena burguesia democrática, o último do proletariado revolucionário. Os votos para Raspail – os proletários e seus porta-vozes socialistas declararam em voz alta – seriam apenas uma demonstração, tantos protestos contra qualquer presidência, isto é, contra a própria constituição... o primeiro ato pelo qual o proletariado, como um partido político independente, declarou sua separação do partido democrático.” (p. 70)

O que Marx não menciona é que esta era a posição de Proudhon:

*“Raspail, o democrata socialista... Ao emprestar nosso apoio a esta candidatura, não pretendemos, como o honorável Monsieur Ledru-Rollin escreveu em algum lugar, dotar a República de um possível chefe: longe disso. Aceitamos Raspail como um protesto vivo contra a própria ideia de Presidência! Oferecemos-o ao sufrágio popular, não porque ele seja ou acredite ser possível, mas porque ele é impossível: porque com ele, a presidência, a imagem espelhada da realeza, seria impossível... Apoiamos a candidatura de Raspail, para focar os olhos do país ainda mais fortemente nesta ideia, de que doravante, sob a bandeira da República, existem apenas dois partidos na França, o partido do trabalho e o partido do capital.” (**No Gods, No Masters** , p. 80)*

Não foi apenas politicamente que o “pequeno-burguês” Proudhon antecipou o marxismo “proletário”. Encontramos Engels na introdução de 1895 a **As lutas de Classes na França de 1848 a 1850** de Marx, afirmando:

“No segundo capítulo, em conexão com o ‘direito ao trabalho’, que é descrito como ‘a primeira fórmula desajeitada onde as demandas revolucionárias do proletariado são resumidas’, é dito: ‘mas por trás do direito ao trabalho está o poder sobre o capital; por trás do poder sobre o capital, a apropriação dos meios de produção , sua sujeição à classe trabalhadora associada e, portanto, a abolição do trabalho assalariado, do capital e de suas relações mútuas’. Assim, aqui, pela primeira vez, a proposição é formulada pela qual o socialismo operário moderno é nitidamente diferenciado tanto de todos os diferentes matizes do socialismo feudal, burguês, pequeno-burguês, etc., quanto da confusa comunidade de bens do comunismo operário utópico e primitivo.” (pp. 10–1)

Sério? Proudhon não havia proclamado em 1848 o seguinte:

“Não queremos ver o Estado confiscar as minas, canais e ferrovias: isso seria aumentar a monarquia e mais trabalho assalariado. Queremos que as minas, canais e ferrovias sejam entregues a associações de trabalhadores democraticamente organizadas, operando sob

a supervisão do Estado, em condições estabelecidas pelo Estado e sob sua própria responsabilidade. Queremos que essas associações sejam modelos para a agricultura, indústria e comércio, o núcleo pioneiro daquela vasta federação de empresas e sociedades tecidas no tecido comum da República social democrática.” (No Gods, No Masters , p. 78)

Basta dizer que a posição de Proudhon era de levantar demandas populares e de transição *reformista* e, portanto, seu chamado ao estado (uma posição, devo observar, que Engels também defendia). No entanto, o ponto importante é que aqui temos Proudhon proclamando dois anos *antes* de Marx uma posição básica do “ *socialismo operário moderno* ” , a saber, o fim do trabalho assalariado por meio de uma federação de associações de trabalhadores (“ *a classe trabalhadora associada* ”). Isso, como pode ser visto, dificilmente era uma ocorrência rara!

Então, o que pode ser dito? Que muitas ideias “marxistas” foram primeiramente expostas por Proudhon muito antes de Marx proclamá-las. Que Marx só assumiu muitas das chamadas posições “marxistas” depois que os seguidores de Proudhon as aplicaram na Comuna de Paris. Que na revolução de 1848 as previsões de Proudhon sobre o perigo de um Executivo e que o estado não pode ser capturado pela ação política e reformado foram provadas corretas. Marx e Engels, por outro lado, viram sua análise do estado (e seu executivo) refutada, enquanto sua noção de que o sufrágio universal dava aos trabalhadores poder político e poderia ser usado para capturar (e então transformar) o estado é uma que até mesmo seus seguidores rejeitam (provavelmente, ironicamente, como não marxista!). Em termos da análise “marxista” da propriedade, ela está basicamente regurgitando a de Proudhon. Que foi primeiro Proudhon quem pediu o fim do trabalho assalariado por meio de associações federadas de trabalhadores. Que foi Proudhon, não Marx, quem primeiro argumentou que a classe trabalhadora deveria se organizar de forma autônoma para influenciar a mudança social.

Então, como deve ficar claro a partir desta discussão e dos extratos de **Sistema de Contradições Econômicas** incluídos em **A Propriedade é um Roubo!**, o trabalho muito ridicularizado de Proudhon é importante. Em termos de compreensão da evolução do pensamento anarquista, ele contém muitas ideias que anarquistas subsequentes desenvolveram. Ele também contém uma análise do capitalismo que está enraizada na análise de classe com uma compreensão das relações sociais únicas que o marcam – e uma consciência de que essas relações podem e irão mudar. Principalmente um trabalho de análise e crítica (tanto do capitalismo quanto do socialismo de estado), os poucos esboços que ele apresenta de um futuro livre baseado no trabalho associado. De forma alguma um trabalho perfeito nem um dos melhores de Proudhon, vale a pena consultar criticamente para extrair o material útil. Desnecessário dizer que Marx não fez tal análise e preferiu distorção e diatribe. Além disso, o comentário de Proudhon parece válido: “*o que o livro de Marx realmente quer dizer é que ele lamenta que em todos os lugares eu tenha pensado da maneira que ele pensa, e dito isso antes dele. Qualquer leitor determinado pode ver que é Marx que, tendo me lido, se arrepende de pensar como eu. Que homem!*”

Isso não quer dizer que abandonemos Marx em favor de Proudhon (ou vice-versa!), mas simplesmente que as tentativas dos marxistas de Marx em diante de ridicularizar e descartar Proudhon precisam ser rejeitadas. O crédito deve ser dado a quem o merece. No entanto, fazer isso seria reconhecer que, em primeiro lugar, Marx distorceu muitas das ideias de Proudhon para ganhar pontos polêmicos baratos (uma tendência que seus seguidores continuaram quando discutem o anarquismo) e, em segundo lugar, que muitos dos chamados princípios “marxistas” foram primeiramente expostos por anarquistas (Proudhon e Bakunin). Por alguma razão, duvido que muitos marxistas o façam. Espero ser provado errado. Espero, no entanto, que os anarquistas reservem um tempo para olhar para Proudhon com novos olhos e reconhecer que havia uma razão para anarquistas revolucionários como Bakunin, Kropotkin, Rocker e Guérin ficarem tão impressionados com (muitas, não todas) suas ideias.

Biblioteca Anarquista



Iain McKay
Proudhon, Marx e a Comuna de Paris
18 de março de 2010

anarchism.pageabode.com

bibliotecaanarquista.org